REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR NOVA TERRA

TRABALHO, CRISE DO CAPITAL E REFORMAS EDUCACIONAIS NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A BNCC E O "NOVO ENSINO MÉDIO"

Átila de Menezes Lima[55]

Introdução

Este trabalho é fruto de reflexões e debates de uma pesquisa matricial de caráter nacional, sob a coordenação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como título *A BNCC no controle da educação pública: mecanismos neoliberais para conter as perspectivas educacionais emancipatórias*.

Partimos da compreensão de que a educação é um complexo social que está inserido e interrelacionado com outros complexos sociais e, por isso, é fundamental para a reprodução de diferentes formas de sociedade. A mesma não pode ser reduzida a procedimentos mecanicistas dentro da relação ensino-aprendizagem e muito menos ser compreendida de forma apartada do movimento da sociedade. Pelo contrário, ela responde às necessidades sociais de um determinado contexto histórico.

[55] Doutor rm Geografia. Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), *Campus* Senhor do Bonfim, Bahia.

Desta forma, este trabalho se propõe a investigar as mediações entre a relação da crise estrutural do capital, suas inter-relações e transformações no mundo do trabalho e como isto vem interferindo diretamente na organização curricular e nas reformas educacionais no Brasil, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Reforma do Ensino Médio (NEM), instituída pela Lei nº 13.415/2017, que demonstram nítida adequação aos ditames do Banco Mundial, agente indutor da adequação da educação às necessidades da reestruturação produtiva e do capital.

Para tanto, utilizaremos, como procedimentos metodológico, realizou-se uma revisão de literatura de cunho crítico baseada no materialismo histórico e dialético, assim como em análise documental baseada no tripé metodológico lukacksiano[56] da gênese, função social e leitura imanente.

As reformas educacionais no Brasil e sua relação com a crise do capital: o caso do NEM e da BNCC

As recentes reformas educacionais que estão sendo implementadas no Brasil, não podem ser dissociadas do movimento de crise estrutural do capital e do processo de reestruturação produtiva de do capital. Pelo contrário, existe

[56] Numa formulação sintética, pode-se dizer que Lukács oferece-nos o conjunto de sua concepção metodológica ao estabelecer que a abordagem de um objeto ideológico implica na determinação de sua gênese e de sua função social. Porém isto não basta, há que necessariamente acrescentar àqueles dois pontos a crítica imanente, "[...]um fator legítimo e até mesmo indispensável na exposição e no desmascaramento das tendências [...]" (Chasin, 1978, p. 62).

uma relação intrínseca. Tal assertiva pode ser evidenciada nos próprios documentos das reformas, assim como documentos do Banco Mundial que dão a fundamentação dos mesmos. As citações abaixo, extraídas destes documentos, falam por si:

> Estamos a viver num período de extraordinária transformação. A impressionante ascensão dos países de renda média, liderada pela China, Índia e Brasil intensificou o desejo de muitas nações de aumentar a sua competitividade mediante o desenvolvimento de forças de trabalho mais capacitadas. Os avanços tecnológicos estão a mudar os perfis e as qualificações profissionais e, ao mesmo tempo, a oferecer possibilidades de aprendizagem acelerada. Os níveis implacavelmente elevados de desemprego, especialmente entre os jovens, ressaltaram a incapacidade dos sistemas de educação para formar jovens com as competências correctas para o mercado de trabalho e incentivaram os apelos de mais oportunidades e responsabilidades (Banco Mundial, 2011, prefácio).

E continua:

> Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem "saber" (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem "saber fazer" (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana,

> do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2018, p. 9).

Ao fazermos uma leitura imanente dos trechos, percebemos que nos dois documentos se discute sobre a necessidade de adequação dos currículos às necessidades do mundo do trabalho através de habilidades e competências. Mas que necessidades são estas? Por que a redução do processo de ensino-aprendizagem na BNCC a dez competências e há determinadas habilidades? Lima (2019) assinala as habilidades e competências presentes BNCC são formas de adequação às diretrizes da reestruturação produtiva do capital em sua crise estrutural[57]. Esta crise, que

[57] (1) seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.); (2) seu alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado); (3) sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir, permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital; (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na "administração da crise" e no "deslocamento" mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia (Mészáros, 2002, p. 796).

teve início nos anos de 1970 e permeia por décadas, incide diretamente na relação capital-trabalho, na ofensiva que o capital vem instaurando mediante processo de reestruturação produtiva para ampliação das taxas de lucro no que ficou conhecido como acumulação flexível (Harvey, 2006) ou toyotismo (Alves, 2011; Antunes 2015). Segundo Deluiz (2001, p. 1):

> As respostas do capital à sua crise estrutural podem ser dimensionadas pelas reestruturações empreendidas no próprio processo produtivo, por meio da constituição das formas de produção flexíveis, da inovação científico-tecnológica aplicada aos processos produtivos, e de novos modos de gerenciamento da organização d trabalho e do saber dos trabalhadores. Este amplo processo de reestruturação teve como objetivos não só reorganizar em termos capitalistas o processo produtivo tendo em vista a retomada de seu patamar de acumulação, mas gestar um projeto de recuperação da hegemonia do capital não só na esfera da produção, mas nas diversas esferas da sociabilidade, que se confrontasse ao contra-poder que emergira das lutas sociais e sindicais dos anos sessenta e setenta.

Desta forma, temos uma tentativa de hegemonia do capital visando capturar as subjetividades da classe trabalhadora a lógica do capital em crise em sua dinâmica do toyotismo, ou seja, de adequação à flexibilização, à polivalência, à terceirização, ao subemprego, etc. E um bom caminho para isto está na adequação dos currículos para esta lógica. Isso fica evidente na Reforma do Ensino Médio com seus itinerários

formativos e currículo adaptados à BNCC. O resultado disto são currículos que esvaziam os conteúdos críticos, que negam o conhecimento histórico acumulado, além de tirar a autonomia didático-pedagógica dos professores e sequestrar os fundos públicos por parte destas Reformas.

Considerações finais

Entendida como complexo social fundamental para a reprodução social, a educação deve ser entendida no movimento contraditório da sociedade. Como vivemos um processo crise estrutural do capital, este necessita de mediações e mecanismos na tentativa de fuga dessa crise, a exemplo dos processos de reestruturação produtiva, que vão incidir diretamente na força de trabalho. Para adequar a classe trabalhadora aos ditames do capital em crise, este se apropria da educação, reformula currículos e promove reformas educacionais, buscando adequar a classe trabalhadora aos seus interesses. Isto fica evidente nas atuais reformas educacionais no Brasil, a exemplo da BNCC e do NEM.

Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade:** o espírito do toytismo na era do capitalismo manipulatório. – São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BANCO MUNDIAL. **Aprendizagem para todos:** Investir nos conhecimentos e competências para promover o desenvolvimento, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Versão Final. Brasília, DF, Ministérios da Educação, 2017.

CHASIN, José. **O integralismo de Plinio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, São Paulo, 1978.

DELUIZ, Neise. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e da educação: implicações para o currículo. **Boletim técnico do SENAC**, São Paulo, v . 27, n. 3, p. 12–25, 2001. Disponível em:https://www.bts.senac.br/bts/article/view/572. Acesso em: 25 fev. 2026.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, Átila de Menezes. **Educação, ideologia e reprodução social:** notas críticas sobre os fundamentos sociais da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. In: UCHOA, Antonio Marcos; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza. (Orgs.). **Diálogos Críticos**: BNCC, educação, crise e luta de Classes em pauta. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.